



O uso de metodologias ativas com tic no ensino de disciplinas filosóficas: a abp nos estudos filosóficos

POR THIAGO PESSOA PRUDENTE,
LUÍS PAULO LEOPOLDO MERCADO Y
WALTER MATIAS

thiagopessoaprudente@gmail.com
luispaulomercado@gmail.com
waltermatias@gmail.com

Neste artigo pretendemos discutir novas formas que o processo de ensino-aprendizagem costuma se constituir nas disciplinas que se originam ou se remetem ao campo da Filosofia, através de suas diversas áreas, nos diferentes cursos de graduação e que se utilizam de metodologias ativas de aprendizagem, sendo essas entendidas como as que o processo de ensino-aprendizagem centram-se no estudante levando em consideração seus conhecimentos prévios, os processos de interação social e estimulam a autoaprendizagem com base em estudos e pesquisas dirigidas, geralmente, pela exposição de problemas ou de fatos reais e/ou fictícios sobre um determinado tema ou questão, vislumbrando, também, possíveis interações com as Tecnologias da Informação e Comunicação, ou simplesmente TIC

Este estudo é decorrente das impressões obtidas durante seminário avaliativo da disciplina de “Metodologia do Ensino Superior com TIC” na qual realizamos uma pesquisa sobre a utilização das metodologias ativas de aprendizagem, tendo como referencial a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), ou Problem-Based Learning (PBL), no ensino superior contando para isso com a utilização de TIC para o desenvolvimento e aplicação de uma proposta de plano de aula.

Nossa investigação foi construída a partir de uma pesquisa documental, apoiada na metodologia da análise do discurso, sobre textos que tratam do uso de metodologias ativas de aprendizagem em especial a ABP, do desenvolvimento de trabalhos com as TIC voltadas para educação, e, sobre ensino de filosofia para o nível superior. Os artigos



encontrados em geral remetem ao uso de ABP em cursos da área da Saúde ou das Ciências Jurídicas, no entanto, uma boa quantidade relata sobre discussões nos campos filosóficos da ética e da epistemologia. Os que trabalham com filosofia e TIC, em geral, remetem muito mais a essa relação voltada para educação básica, os que tratam diretamente sobre esse tema no ensino superior são muito poucos. Não foram encontradas publicações que trabalhem conjuntamente as três temáticas: ensino de Filosofia, ABP e TIC na educação de nível superior.

A problemática deste estudo envolveu os seguintes questionamentos: 1) É possível utilizar metodologias ativas de ensino-aprendizagem aliadas as TIC para o ensino de disciplinas tidas como filosóficas?; 2) Qual a percepção que se tem de Filosofia ao se utilizar metodologias ativas de ensino-aprendizagem com auxílio de TIC em outras formações distintas a da Filosofia?; 3) Como essa experiência pode auxiliar no desenvolvimento da prática filosófica em si e nas construções decorrentes desta?

Para encontramos respostas a esses questionamentos organizamos o este trabalho em seis seções. Na primeira traçamos um panorama histórico da educação superior brasileira no último século, com fins de apresentar o cenário que envolve os temas deste trabalho. A segunda seção trata da aplicação da Filosofia e de seu ensino nas graduações de nível superior no Brasil. Na terceira parte discutimos sobre o uso da ABP para trabalhar temas ligados aos campos da filosofia em diferentes cursos de graduação superior. A quarta parte apresenta uma análise quanto ao uso das TICs no ensino da Filosofia, como esse auxílio pode e vem diversificando o método de ensino-aprendizagem comum da Filosofia. Na quinta seção apresentamos algumas possibilidades reais de interação entre o ensino de Filosofia, o uso de TIC e de metodologias ativas de aprendizagem para a educação superior no Brasil e apontamos algumas possibilidades de expansão dessa interação para ajudar na formação do docente de filosofia. E na sexta e última parte apresentamos nossas conclusões.

A educação superior brasileira no último século: faces e interfaces



Quando se estuda a educação superior brasileira uma constatação que se pode verificar é que no último século o processo de ensino e aprendizagem aplicada à educação superior no Brasil, assim como em boa parte do mundo, ainda segue, em linhas gerais, modelos catedráticos comuns dos períodos medieval e moderno desenvolvidos na Europa, entre os séculos XI e XIX d.C.. Esses modelos consistem numa educação centrada na figura do professor/mestre que domina o conteúdo de forma sistêmica e especializada, determinando o que aluno deve conhecer, o como e os porquês das necessidades de tais conhecimento, e que esta seleção de conteúdos deve servir para a formação de uma mão-de-obra especializada para atender as necessidades econômicas das diversas sociedades. Tal constatação é possível mediante leitura de diversos autores, dentre eles Saviani (2009, p. 150) ao discutir acerca de formação de professores quando afirma: “Na universidade brasileira, apesar de uma certa influência em nível organizacional do modelo anglo-saxônico pela via dos Estados Unidos, prevalece o modelo napoleônico.”.

No entanto, com a evolução das ciências, das ferramentas tecnológicas das TIC e com o desenvolvimento da globalização econômica e social, ocorrida nas últimas décadas do século XX e na primeira do séc. XXI, esse quadro vem se alterando de modo muito rápido e constante. Essas alterações são nítidas quando se toma como exemplo a introdução de uma formação de educação ou ensino a distância, fundamentada no uso de ferramentas que são capazes de substituir a necessidade o indivíduo de se deslocar fisicamente de sua residência para os meios acadêmicos diariamente para ter contato com o professor/mestre, com as disciplinas e o com o próprio ambiente acadêmico. Esse processo de “deslocamento” hoje é possível no mundo digital, no qual o sujeito é virtualmente transferido, através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), de sua residência para o ambiente acadêmico, tendo acesso a bibliotecas digitais, e físicas, para realizar suas pesquisas, material de consulta e estudo disponibilizados no ambiente da disciplina, acesso ao professor quase que 24h por dia através de fóruns, chats, comunidades virtuais – que vão desde as integradas às plataformas de aprendizagem utilizadas às formadas no seio de redes sociais como Facebook e Whatsapp, por exemplo.



Essa interação e integração entre o aprendizado presencial e o digital ou online é atualmente um processo em amplo desenvolvimento e com muitas possibilidades e discussões, que forçam uma renovação no meio acadêmico de formação no e para o nível superior. Como afirma Giusta (2003a, p.22) quando analisa o papel da EAD e do seu referencial histórico quanto a utilização plena das TIC para a educação brasileira.

[...] a educação a distancia ultrapassa a função de redentora de alguns fracassos do sistema educacional brasileiro, como foi historicamente seu caso, e torna-se mecanismo para atender demandas de grande relevância no ensino pós-médio, inclusive na graduação e na pós-graduação.

Outros inúmeros fatores também contribuem para esse quadro de alterações que constituem a atualidade da educação superior no país, e no mundo, mas os que mais chamam a atenção são: a valorização acadêmica recentemente retomada acerca da realidade socioeconômica em que as Universidades, em seu corpo acadêmico e nos seus arredores, se encontram; a inversão do foco do processo ensino-aprendizagem, ou ensinagem, do professor/mestre para o estudante/aluno; e, para atendimento dessa inversão de *focus* vem a necessidade do desenvolvimento de pesquisas e métodos de ensinagem preocupados com perfil histórico e socioeconômico dos estudantes e da realidade social em que, tanto o corpo acadêmico como a sociedade em geral, estão inseridos.

Essa renovação na educação superior brasileira decorre de uma série de mudanças sócio-políticas, econômicas, culturais e metodológicas, fruto de várias conquistas da sociedade civil organizada durante e após a década de oitenta e como conquista democrática após vários anos sob um regime ditatorial, a abertura econômica que resultou num impulso ao mercado interno e ao reposicionamento profissional através da criação de novos nichos e postos de trabalho, a chegada de novas TIC que a possibilitaram o acesso às novas metodologias e formas de se ensinar e aprender, e, a necessidade de adequação da formação profissional a um mundo globalizado e em constante mudança. Todas essas situações trouxeram novos modelos de educação que visam atender os novos moldes e rumos que as sociedades acabaram tomando. São essas situações que vem se manifestando em todos os cursos de graduação, seja através



da reestruturação dos currículos ou das práticas de ensinagem envolvidas nesses processos, seja através de novas demandas para a formação docente.

Diante dessa renovação curricular é que se vislumbra a possibilidade de fazer a análise das disciplinas tidas como filosóficas e que compõem a estrutura de diversos cursos graduação das mais diferentes áreas, a luz do uso das metodologias ativas de aprendizagem, sendo mais preciso com o auxílio da ABP e das TIC.

A filosofia aplicada nos cursos de graduação: as disciplinas filosóficas

Nas maiorias das formações e de forma simplificada, quando se fala de Filosofia se pensa logo numa construção de pensamento puramente abstrata e fora do contexto real da sociedade, ou em algo que é feito somente para se refletir sem uma aplicação prática e real para os indivíduos ou ainda como algo que existe apenas para criticar a realidade e seus contrastes sociais e humanos, que se constituem na formação de um povo e de suas raízes socioculturais e econômicas.

No entanto, é possível constatar que nessas mesmas formações, a presença da Filosofia, através de seus variados campos, se faz constante e muito forte, e com um papel por vezes bem definido que é o de auxiliar na formação do pensamento crítico e conceitual dos indivíduos que são formados por esses cursos. Esse pensamento crítico e conceitual é imbuído de uma análise dos meios ambientais, sociais e culturais que esses indivíduos frequentam em comunhão ou em contraste muitas vezes, para o que os cursos preparam.

Mesmo com essa prerrogativa implícita em seus currículos é comum as formações de nível superior ignorar ou minimizar o papel da Filosofia na sua concepção, história e nos processos cognitivos que nelas se apresentam, não é o caso somente de cursos de Direito ou Medicina, por exemplo, mas também de Ciências Biológicas, Matemática, entre outros, que por um motivo ou outro tendem a ter esta prática. É comum esquecerem que a construção de todo e qualquer conhecimento, por eles defendidos em suas formações, está atrelado ao exercício filosófico da reflexão, da crítica, do diálogo, da conscientização da realidade, da formação da identidade dos sujeitos e



outros infinitos papéis atribuídos à Filosofia e aos filósofos que muitas vezes se constituem como fundadores ou precursores com notório conhecimento por parte dos profissionais dessas ciências, à exemplo: Aristóteles que em suas obras sobre à Natureza desvelou o início das Ciências Biológicas, da Lógica, da Linguagem etc; os filósofos Pré-Socráticos nos campos da Matemática e da Física; ou ainda os modernos como Descartes para os campos da Matemática e das Ciências, em geral, e de Hobbes e Locke para as Ciências Jurídicas e Políticas.

E dentre todos esses pensadores citados destaca-se como principal papel da Filosofia o de ajudar aos indivíduos na construção de seus próprios pensamentos, conceitos e visões de mundo, ou seja, cabe a filosofia o papel de ajudar os homens a pensar. Como afirma Gelamo (2009) apud Matos (2014, p. 13), quando discute qual é papel da filosofia ou de seu ensino na construção dos cursos de formação de professores para o ensino de filosofia e que aqui tomamos também para as outras formações do nível superior:

Talvez, mais importante do que o conteúdo em si seja a postura que orientará a prática pedagógica do professor de Filosofia no dia a dia da sala de aula [...] [...] trata-se de uma ruptura com as concepções cristalizadas do senso comum, mostrando que Filosofia começa com a problematização daquilo que parece óbvio no mundo cotidiano. Mais do que ensinar um conteúdo, é preciso instaurar uma postura filosófica que comece por duvidar que a realidade seja um dado. Em suma, o que se propõe é um trabalho docente calcado numa concepção que enfatiza a Filosofia como reflexão, descartando-se a erudição filosófica como um fim em si mesmo.

Nesse intuito é possível verificar na construção das matrizes curriculares uma disciplina com o nome de Filosofia ou que se remeta aos campos pertencentes a ela e que tendem a atender e realizar o trabalho filosófico da construção da crítica, do pensamento reflexivo, da conceitualização das ideias e dos estudos das ciências, seus métodos e metodologias. À exemplo disso se pode citar disciplinas como: a *Filosofia do Direito*, *Metodologia da Pesquisa do Trabalho Científico*, nas Ciências Jurídicas; e, *Ética e Relações Psicossociais* na Medicina, que são comuns na constituição curricular dos diversos cursos de graduação nessas formações específicas, existentes em diversas instituições de ensino superior espalhadas pelo país.



Além dessas disciplinas outras denominações e participações da filosofia se fazem diluídas nas matrizes curriculares. Nas Ciências Jurídicas e Médicas, por exemplo, é constante a preocupação com a Ética, em especial no atendimento a clientes/pacientes, nas pesquisas, nas intervenções no meio social, na postura profissional entre outras situações comuns da formação que são consideradas pela análise proveniente desse campo filosófico. Outro campo com atuação direta em todas as áreas é o da Epistemologia ou Filosofia das Ciências, diante as discussões em cursos que percorrem os campos das Humanidades, das Exatas, das Naturais, por exemplo, quando se questionam sobre o que é ciência, o uso prático e real frente ao proposto e ideal, quanto ao método a ser utilizado ou a ser mais indicado, as questões do conhecimento científico e suas relações com outros conhecimentos, entre outras dúvidas.

Dessa maneira todas as ciências ou formações, em algum momento já passaram ou passarão por essa construção filosófica que se define pela concepção de conceitos e ideias, por um método que perpassa o campo da lógica, por uma linguagem própria que procura entender e explicar com sua simbologia o universo próprio de uma ciência específica. Assim, tomamos o argumento de Matos (2014, p. 28), sobre a formação em filosofia para o ensino da mesma, que afirma que “O ensino de Filosofia certamente poderia provocar a manifestação do desejo de sabermos sempre mais para mais interagirmos com o tempo que chamamos hoje.” como um aponte a ação filosófica também para outros cursos de graduação.

Por essas condições aqui expostas, pode-se definir então que a ideia de “Disciplinas Filosóficas” é aquela em que sua gênese está alocada nos campos da Filosofia, através da necessidade de conceituação de um objeto ou ideias, construção de problemas baseado na estrutura da lógica e do método filosófico de análise crítica do contexto da realidade em que aquela ciência se insere. É nesse trajeto que é possível a definição exposta, propondo e explicitando a ação e aplicação implícita da Filosofia e de suas práticas na constituição de outras ciências/formações que se manifestam na forma dos mais diversos cursos de graduação que a educação superior apresenta na realidade brasileira e mundial atual.



Filosofia e as metodologias ativas de ensino aprendizagem: abp nas disciplinas filosóficas

A educação superior ainda se encontra em grande parte atrelada as raízes dos métodos catedráticos dos séculos passados e nessa esfera de realidade o ensino de filosofia, bem como das disciplinas aqui chamadas de filosóficas também se focam nesse contexto.

Basta adentrar em uma sala de aula universitária e observar que a metodologia de ensino usada por uma grande e significativa parcela de professores de Filosofia é a de ministrarem aulas centradas nas suas palavras e no conhecimento por eles adquirido, e, muitas vezes apresentado e defendido como “o único”, correto e válido para a construção do entendimento acerca do que acreditam venha a ser a filosofia.

Em geral essas aulas estão centradas numa metodologia tradicional, na qual o professor chega e expõe o que conhece e pensa ser a “verdade sobre universo”, muitas vezes não permitindo ao estudante a interlocução ou debate sobre os conceitos por eles apresentados e quase sempre não considerando o contexto da realidade dos alunos inseridos no universo do ensino superior. É essa posição que, em geral, engessa o desenvolvimento dos métodos de ensino da filosofia em cursos de graduação das mais diversas áreas.

No entanto, com a reformulação nos modelos de educação superior que vem se construindo nos dias atuais, nos quais a atenção dos processos de ensino-aprendizagem se foca muito mais nos estudantes do que na figura docente, em que há um gradual aumento da preocupação da academia com a realidade social e humana que a cerca, onde hoje a obrigação de formar não somente para o mercado de trabalho, mas também para auxiliar na reformulação do contexto da realidade social que os homens se encontram e interagem, se torna uma presente obrigação aos indivíduos contemporâneos, há também uma visível “reforma” nas metodologias de ensino-aprendizagem que se pode valer a filosofia e suas várias disciplinas.

Um exemplo disso é o desenvolvimento e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem. Esse conceito surge ainda na década de 1970, como uma forma de



integrar o aprendizado teórico-prático proposto pelo ensino superior com a realidade sócio-profissional em que os egressos das universidades iriam encontrar quando entrassem no mercado de trabalho.

Esse tipo de metodologia é focada nos estudantes, nos conhecimentos prévios que os mesmos possuem da realidade do meio social em que estão inseridos e do conhecimento técnico adquirido pelos mesmos em suas respectivas formações. Além disso, o papel dos professores é o de atuarem como auxiliadores na busca do conhecimento proposto a esses estudantes, cabendo aos mesmos conduzirem as pesquisas interações e discussões sobre a constituinte de sua formação profissional, pois segundo Gorbaneff (2010, p. 26, tradução do autor):

A ABP adquire diferentes formas. O que as une, é a convicção dos professores que a aprendizagem se inicia quando os alunos sentem a necessidade de resolver um problema. De acordo com este método, o professor, diferente de uma aula tradicional, não explica os conceitos nem as teorias, ele somente inicia a discussão com a apresentação do problema para os estudantes. Os alunos se reúnem em grupos e tentam solucionar o problema. No transcorrer da discussão, eles identificam os vazios de seus conhecimentos prévios que os impedem de compreender e resolver o problema. Uma vez identificados esses vazios, os estudantes começam a procura da teoria que falta. O professor participa nas discussões na qualidade de assessor na busca das fontes de informação.

Os estudantes participam pró-ativamente como construtores do saber e não atuam somente como receptores de um saber pronto, e que por muitos professores é imutável, indo à busca de dúvidas e de respostas aos seus próprios questionamentos e aos instigados pelos docentes. Dentre essas metodologias uma das que mais se destacam é a ABP. Os princípios dessa metodologia nascem por volta do anos 50 do século XX, mas, assim como outras metodologias ativas, vem se organizar como tal apenas na década de 1970 em universidades da América do Norte e da Europa, e tem como base o estímulo a pesquisa através da apresentação de um caso, por eles chamados de problema, real ou fictício que apresenta um determinado recorte da realidade para situa-los no universo onde eles devem pesquisar e que gera um questionamento central, com a possibilidade de inclusão de outros mais específicos que o ajudarão no entendimento do quadro que eles estão pesquisando, e que serve de estopim para busca



e pesquisa dirigida pelas instruções propostas pela compreensão e interpretação do caso. Tal qual reafirmado por Toledo Junior (2008, p.123):

O PBL inclui a estruturação do conhecimento dentro de um contexto específico, permite ao aluno defrontar-se com problemas concretos, o que poderia potencializar o desenvolvimento do raciocínio clínico [e crítico], favorece o desenvolvimento da habilidade de estudo autodirigido e o aumento da motivação para o estudo.

Esse método originariamente surge nos meios médicos como uma forma de integrar o estudante com a realidade profissional e também de humanizar mais o conhecimento e a visão de mundo dos mesmos. Com a visível alteração que ocorre no currículo dos cursos de medicina, e no perfil dos egressos formados com o auxílio desse método, não tardou que o mesmo migrasse para outras formações como o Direito, a Física, as Comunicações Sociais, até chegar as Ciências da Educação.

Em geral, esse método serve para analisar problemas relativos aos campos do comportamento social, e aos do comportamento e desenvolvimento científico, convergindo e agindo diretamente com problemas de ordem ética, político e epistemológica como se pode ver em diversos estudos que envolvem o uso da ABP. Isso se faz possível graças a didática desse processo, que consiste num estudo/pesquisa orientada por um problema/situação, real ou fictício, apresentado através de uma rápida contextualização e de questionamentos que dirigiram os trabalhos de pesquisa dos alunos de uma turma e que são orientados/auxiliados por um tutor, que em geral é um professor do curso, como apresentado por Toledo Junior (2008, p.126-127):

No PBL, a estratégia educacional central do currículo é a discussão de situações-problema [...] em pequenos grupos, chamados de grupos tutoriais. Esses grupos de aprendizagem, além de facilitar o processo de aquisição de conhecimentos, contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento de outros atributos na formação do aluno, entre eles: habilidades de comunicação, trabalho em equipe, solução de problemas, respeito aos colegas e desenvolvimento de postura crítica. O desenvolvimento dessas habilidades e domínio de conhecimento de situações práticas traria [...] mais capacidade de lidar com os problemas da vida profissional. Os grupos são formados por oito a 10 alunos e um tutor, geralmente um professor. Antes do início da reunião, é escolhido entre os alunos um coordenador, para dirigir a sessão, e um relator, para registrar as discussões do grupo. A função do tutor é facilitar o funcionamento do grupo (ajudando o coordenador, se necessário) e garantir



que o grupo atinja os objetivos de aprendizado de acordo com o que foi definido no currículo. Pode ser necessário que o tutor tenha papel mais ativo, certificando-se de que o grupo faça a análise adequada do problema. As intervenções do tutor devem limitar-se ao mínimo necessário, para evitar-se que ele assuma o papel do coordenador ou dite a direção da resolução do problema, o que pode ser desestimulante e prejudicial para as próximas sessões. [...] Os grupos tutoriais têm sistemática própria bastante estruturada, por meio da qual os alunos realizam um processo de análise e resolução de problemas. Para cada problema, são realizadas duas sessões, em dias diferentes. A primeira sessão, na qual se discute o caso, é chamada de sessão de análise e a segunda é a sessão de resolução. O modo de condução das sessões pode variar de instituição para instituição.

É a partir dessas discussões que nos é possível afirmar sobre o uso das metodologias ativas no ensino de filosofia. Vejamos um exemplo de possível aplicação da ABP, tendo como fundo o desenvolvimento de uma aula cujo tema abordado seja uma discussão sobre a Bioética, temática que se apresenta com um desdobramento do campo da Ética para os estudos em Filosofia: *Numa turma de 32 alunos de um curso da área da saúde o professor da disciplina de Ética e Sociedade II, resolve trabalhar nesse semestre com o método didático da ABP, assim, ele divide a turma em 4 grupos de 8 alunos cada e solicita que os mesmos estabeleçam entre seus pares quem ocuparão as funções de coordenadores e de secretários nos grupos. Feito essa ação inicial o professor, agora fazendo o papel de tutor, entrega aos grupos um texto base para referenciar as ideias e logo em seguida apresenta a seguinte contextualização e questionamentos bases: 'O termo bioética é um neologismo inventado pelo oncologista Van Renssler Potter em 1970 e difundido graças ao seu livro Bioethcs. Bridge to the Future, em 1971. Neste, seu autor chama a atenção sobre a exigência de um novo relacionamento entre o homem e a natureza. Potter observa que o homem tem se tornado para a natureza aquilo que o câncer é para o homem. Por isso – afirma Potter -, é urgente mudar a relação homem/natureza, e a bioética deve dar as indicações adequadas, pois se até hoje as relações homem/ambiente têm sido regulamentadas com base no instinto, de agora em diante o instinto não é suficiente, sendo que a situação mudou, acarretando a necessidade de uma "nova ciência": precisamente a bioética. Com base nessa perspectiva qual seria o papel das ciências da saúde no desenvolvimento desse novo contexto científico que se apresenta?'. Para ajudar nas discussões em torno dessa contextualização e da leitura do texto, ele apresenta outros questionamentos que devem servir de subsídios para orientar os caminhos das pesquisas*



subsequentes. Ao fim da aula o professor/tutor estabelece o cronograma para que as equipes realizem suas pesquisas, marquem encontros para orientação e esclarecimento de dúvidas, apresentem seus relatórios parciais e final, e, a data do encontro para finalização das atividades e apresentação de seus resultados finais sobre o tema. A estratégia didática da ABP favorece a integração de problemas do campo filosófico, como também a prática da filosofia, as mais diversas formações uma vez que promove a construção de um processo crítico/reflexivo nos alunos da ação daquela formação em específico frente a sua atuação no meio social.

Essa possibilidade de integrar a prática de uma formação aos questionamentos sobre a realidade que cerca os estudantes e de conhecimento e relações sociais que se formam por meio da análise de problemas encontrados no seu dia-a-dia profissional que tange e faz com que a estrutura do pensamento e dos diversos métodos filosóficos se manifestem na construção pretendida pelos cursos de graduação que se utilizam da ABP como metodologia de ensino-aprendizagem formal.

O exercício filosófico do filosofar se faz mais marcante do que nunca nesse método, deixando assim mais claro o papel da filosofia e sua atuação em todas as formações profissionais possíveis.

O ensino de filosofia com o auxílio das TIC

A utilização de TIC em aulas não é mais nenhuma total novidade, visto que nos últimos vinte anos, com a desenvolvimento do computador como ferramenta de auxílio nas aulas em cursos presenciais, a produção de material e a ampliação de softwares e recursos se tornaram parte importante do processo de ensinagem construído ao longo desse período. Como afirma Valente (1999, p. 1):

A utilização de computadores na educação é ão remota quanto o advento comercial dos mesmos. Esse tipo de aplicação sempre foi um desafio para os pesquisadores preocupados com a disseminação dos computadores na nossa sociedade. [...] O computador [assim como outras ferramentas tecnológicas] pode ser também utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagem e auxiliar o aprendiz no processo de construção do seu conhecimento.



Primeiramente, utilizados como instrumentos para substituir o quadro-negro e o giz, equipamentos como retroprojetores, projetores de multimídia até as mais recentes tecnologias que utilizam visibilidade 3D se tornaram elementos tão imprescindíveis ao universo da sala de aula que se torna quase impossível se pensar uma aula no ensino superior sem o uso de alguma dessas ferramentas. No entanto, tratando-se do ensino de Filosofia encontramos uma grande dicotomia em como, ou em que momento, podemos utilizar essas ferramentas em sala de aula.

Classicamente, o estudo da filosofia resume-se num tripé entre leitura-discussão-escrita, ele é basicamente fundamentado na leitura de textos tidos como clássicos dos principais pensadores e de textos de comentadores desses pensadores principais, a partir da leitura em um diálogo os interlocutores, que são o professor e seus alunos, expõem seus entendimentos em busca da construção de uma visão “universal” ou do sobrepujar de uma ideia sobre a outra. Concluída essas duas primeiras partes, os interlocutores partem para as representações escritas dessas ideias, ou conceitos, para começarem um novo ciclo de leituras, debates e escritas sobre o tema ou problema proposto. Esse processo, não precisa passar pelo auxílio das ferramentas tecnológicas apontadas acima, dessa maneira, é possível questionar então qual seria o papel das TIC no ensino de filosofia.

O ensino clássico de filosofia se mostra como não necessário do auxílio de TIC para o desenvolvimento de si mesmo. No entanto, esse método de ensinagem é prerrogativamente próprio para aqueles que se dedicam a estudar e viver da filosofia. Nas outras ciências/formações não é possível se exigir tamanha ou exclusiva prática uma vez que o cerne de suas ações não depende exclusivamente do exercício filosófico. É aí que percebemos o papel importante das TIC no auxílio a ensinagem de filosofia em outros cursos de nível superior.

Para alguém que é de fora do universo filosófico torna-se difícil acompanhar o debate proposto pelos grandes pensadores da humanidade, assim como é complicado ligar esses debates e reflexões à realidade, bem como as críticas construídas ou feitas a ela.



Nesse momento o uso das TIC ajuda aos estudantes visualizarem o debate proposto pelos filósofos e comentadores.

Ao trabalharmos com essas questões podemos utilizar as mídias das TIC, como jornais on-line, sites específicos sobre um determinado tema, periódicos on-line e outras ferramentas desse universo no papel de fontes de pesquisa e de subsídios para tornar uma aula mais eficiente e atrativa tanto aos estudantes como para os professores. Assim, é possível enxergar a um meio para a utilização de TIC nos processos de ensinagem que envolvem as disciplinas filosóficas como também a própria filosofia. Valente (1999, p. 2) defende isso quando afirma:

A construção do conhecimento advém do fato de o aluno ter que buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que já dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador. [...] Na verdade, a máquina está sendo usada para informatizar os processos de ensino existentes.

É através do dinamismo da informação que obtemos hoje a correlação entre os estudos feitos pela análise filosófica e as formações acadêmicas nos mais diversos cursos de graduação, isso só é possível porque o processamento das informações e o desenvolvimento contínuo dos meios e instrumentos de comunicação que os propagam, tornam-se facilitadores do manuseio do conhecimento técnico obtido em uma graduação frente a crítica social e humana fundamentadas no método filosófico de aprendizagem, entendimento e compreensão do mundo. São as TIC o grande instrumento atual que liga a aprendizagem filosófica clássica a formação em nível superior em outros cursos.

Relações entre filosofia, tic e a abp: construindo possibilidades

Na análise da relação e viabilidade do processo de ensinagem de Filosofia nos mais diversos cursos de graduação através das chamadas disciplinas filosóficas com o auxílio de metodologias ativas de aprendizagem e de TIC ao mesmo tempo identificamos e traçamos prováveis elucidações as dúvidas que guiam nosso trabalho até o momento.

Vimos que é possível trabalhar o ensino e aprendizagem da Filosofia, e suas categorias, por meio de TIC e de metodologias ativas de aprendizagem, como a ABP. Isso já



acontece na maioria das práticas adotadas em diversos cursos de graduação em especial os ligados a área da saúde e do Direito. No entanto, ressaltamos que embora se utilizem desses meios para facilitar o processo de ensino e de aprendizagem de Filosofia nesses diversos cursos de graduação, não é o comum vê-los ao mesmo tempo. Hoje o que mais se vê são aulas, com conteúdos classicamente filosóficos, sendo ministrado através do uso de TIC, o que via-de-regra tem tornado a absorção e compreensão desse conteúdo mais acessível aos estudantes de diversas formações.

Já a utilização das metodologias ativas ainda é uma novidade no ensino de Filosofia. Geralmente a uso da ABP, que foi tomada como referencial de objeto de estudo, e de outras metodologias ativas, está ainda ligado aos trabalhos com fundo ético ou epistemológico nos diversos cursos de graduação. Esses conteúdos apresentam-se como aqueles mais práticos e fáceis de serem utilizados, uma vez que se encontram mais acessíveis na realidade cotidiana da sociedade ou de uma ciência/formação em específico. A utilização desses dois instrumentos como forma de se trabalhar o ensino de filosofia ainda encontra-se muito restrita aos campos das Ciências Jurídicas e das Médicas.

Apesar dessa massiva popularização do conteúdo filosófico, o que se torna o mesmo que dizer da filosofia, nas demais formações de nível superior, a percepção do papel e da importância da filosofia, seus métodos e problemas ainda se encontra na condição de obscuridade. Não é explicitado muitas vezes pelo professor que trabalha essas disciplinas filosóficas nos cursos de graduação, não importando se provenientes ou não da formação específica em Filosofia, o papel da filosofia em si naquela formação.

Em geral os exemplos e a forma como se entrelaçam os conteúdos da filosofia e da formação específica fazem parecer que aquela discussão cabe somente aquele tipo de problema ou situação daquela formação profissional. Não fica claro aos estudantes que aquele método provém de uma área distinta a da sua formação e que ele pode ser migrado a outros campos e questionamentos dentro e fora de sua formação acadêmica e profissional.



É essa a grande dificuldade em se fazer perceptível o papel da Filosofia num curso de graduação, e se deve muitas vezes a um fator de mão dupla que é o despreparo, ou falta de cuidado, de quem trabalha esses conteúdos filosóficos em: 1 - na hora de dar o crédito do método e do conteúdo aos campos da filosofia, isso ocorre geralmente quando o professor é da formação específica do curso e não possui entendimento claro da filosofia, seu papel e importância; e, 2 - de saber adequar o conteúdo e o método filosófico ao curso/formação específica de forma a deixar claro que o que será empregado ali pode e é discutido pelo universo da filosofia sem distinção de formação, no entanto, aquele conteúdo e forma de trabalho foram adequados e dirigidos especificamente para o universo daquela formação naquele instante específico, nesse caso é quando o professor é da formação em filosofia e não procura se inteirar do perfil do egresso, da matriz curricular do curso e do cotidiano do profissional que será ali formado, em detrimento ao que ele julga ou entende como necessário para o conteúdo a ser ministrado.

Diante dessas situações a percepção sobre a filosofia nas outras formações superiores ainda é obscura e incompleta. No entanto, esse quadro pouco a pouco vem mudando como vimos a medida que se torna claro nas ciências o renovado papel da reflexão crítica e social do homem e suas atuações sociais, humanas e ambientais.

Considerações finais

As transformações que ocorrem mediante a incursão da Filosofia por vias mais atuais, como a formação de um processo de ensino-aprendizagem baseado em metodologias ativas centradas no conhecimento prévios dos sujeitos, ou com o auxílio de TIC que aceleram a gama de situações, exemplos e problemas capazes de atualizar o um conteúdo tido como clássico ao mundo ocidental, trazem uma renovação ao processo de ensino e aprendizagem da mesma.

Apesar de ainda se sustentar no tripé clássico de sua origem, hoje os meios pelos quais ela atinge a academia, e a sociedade em geral, se tornam mais amplos, isso graças a uma educação de nível superior que revisita cotidiana, mas é claro que a conclusão desse



processo irá demorar ainda, tendo em vista que por quase quatro décadas no Brasil a filosofia esteve a margem do mundo acadêmico e fora do cotidiano social e educacional brasileiro, por intervenção do Estado ditatorial.

Assim, o trabalho filosófico carece de melhor interface com as novas tecnologias educacionais, e somente quando a consciência de que toda e qualquer construção de ideias, conceitos, pensamentos, problemas, críticas, entre outras ações do pensar humano atrelado ao método, problemas e pensar filosófico, ou seja, ao exercício do filosofar, a filosofia, forem claras é que poderemos ter uma ação mais efetiva, consistente e reconhecida da filosofia nas demais formações existentes na educação superior.



Referências

GIUSTA, Agneta S. Educação a distância: contexto histórico e situação atual. In: GIUSTA, Agneta S.; FRANCO, Iara M. (Org). **Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003a, p. 17-44.

_____. Concepções do processo ensino/aprendizagem. In: GIUSTA, Agneta S.; FRANCO, Iara M. (Org). **Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte: PUC Minas: PUC Minas Virtual, 2003b, p. 45-72.

GORBANEFF, Yuri. Qué se puede aprender de la literatura sobre el aprendizaje basado en problemas. **Revista de la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad Militar Nueva Granada**, Bogotá, v. 18, n. 1, p. 61-74, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S012168052010000100004&script=sci_art_text. Acesso em: 13 maio 2014.

MATOS, Junot C. A Formação dos professores para o ensino de Filosofia. In: MATOS, Junot C.; COSTA, Marcos R. N. (Org). **Ensino de filosofia: questões fundamentais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014, p. 9-30.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

TOLEDO JUNIOR, Antonio C. C. et al. Aprendizagem baseada em problemas: uma nova referência para a construção do currículo médico. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 02, p. 123-131, 2008. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/521>. Acesso em: 13 maio 2014.

VALENTE, José A. Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica. In: VALENTE, José A. (Org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Unicamp/NIED, 1999, p. 1-48.